

Economista aguarda mudanças

A estratégia de negociação da dívida externa anunciada pelo novo ministro da Fazenda é "uma posição mais convencional do que a adotada pelo ex-ministro Dilson Funaro". Essa avaliação, baseada no discurso de posse do ministro Bresser Pereira, é do economista Paulo Nogueira Batista Júnior, ex-assessor do Ministério da Fazenda para a dívida externa. O economista ressalva, entretanto, que ainda é muito cedo para se saber o que vai acontecer com a economia brasileira e em especial com a questão da dívida externa.

— O novo ministro ainda não teve tempo de estabelecer as linhas mestras da política econômica que pretende adotar — diz o economista. Paulo Nogueira Batista, que voltou, em tempo integral, para a chefia do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional, da Fundação Getúlio Vargas, não deixa de expressar, contudo, sua preocupação com o que pode, eventualmente, significar a saída do ex-ministro Dilson Funaro do governo:

— Estamos no meio de um processo extremamente importante que vai determinar o futuro da economia até o final do século. O meu receio é que a saída de Funaro possa representar um sinal de que o governo brasileiro estaria disposto a recuar na sua posição em relação à dívida externa.

Para ele, o problema é tão mais grave pela situação peculiar que reveste o processo de negociação da dívida brasileira. Todas as partes envolvidas na questão da crise da dívida — credores, devedores, governos e instituições oficiais de crédito — estão olhando para o desfecho do caso brasileiro. E a questão que se coloca hoje é se o sistema financeiro internacional vai ou não conseguir dobrar o Brasil, raciocina Paulo Nogueira.

Essa é a grande questão. E o Brasil, na administração Funaro, já avançou muito — sustenta o economista da FGV, que contabiliza diversos ganhos obtidos com a estratégia de negociação adotada pelo ex-ministro Dilson Funaro.

Derrubamos uma série de mitos que assustavam os países devedores. E isso foi conseguido graças à adoção de uma postura firme de negociação com os credores — afirma o chefe do Centro Monetário da FGV.

Entre os mitos derrubados, aponta Paulo Nogueira, está o fim da crença de que se o país



Paulo Nogueira Batista Júnior

não fizesse um acordo com o FMI sofreria uma crise financeira provocada pelo colapso das linhas de curto prazo; não conseguiria fazer acordo de reescalonamento; e se o país decidisse suspender o pagamento dos juros sofreria sérias retaliações.

Nada disso aconteceu. E conseguimos provar que quando se tem firmeza nas negociações, obtemos uma boa barganha — comenta o economista.

Ele considera a meta de crescimento da economia de 3,5%, anunciada pelo ministro Bresser Pereira, muito baixa e vê nessa estimativa uma clara disposição de desacelerar a economia para recuperar o saldo da balança comercial. E a mididesvalorização do cruzado da semana passada certamente vai gerar uma maior pressão sobre o índice de inflação e sobre as contas do setor público, advertiu.